

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL

Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luis Fria
 DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
 SUPERINTENDENTES Carlos Fomes de Leon e Iadil Brito
 CONSELHO EDITORIAL Fernando Diamant, Hélio Schwartzman,
 Patrícia Branco da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano,
 Patrícia Branco, Patrícia Campos Mello, Pêssio Arão, Ronaldo Lemos,
 Thiago Amparo, Luis Fria e Sérgio Dávila (secretário)
 DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Faria
 DIRETORIA EXECUTIVA Alexandre Bonacio (finanças, planejamento
 e novos negócios) Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais),
 João Cestari (tecnologia) e Marcelo Benes (comercial)

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Surpresa com PIB não autoriza acomodação

Desempenho tem superado projeções, por razões ainda em debate; em qualquer hipótese, cumpre remover obstáculos ao crescimento duradouro

A economia brasileira tem desafios de longo prazo, mas os negativos. Em 2023, pelo terceiro ano consecutivo, houve boas surpresas com o crescimento do Produto Interno Bruto, que rondou 2%, o triplo do que era estimado de início.

As projeções mais consensuais para este 2024 novamente são de desaceleração — cuja intensidade, porém, já está sendo colocada em dúvida. Na mediana das estimativas do mercado coletadas pelo Banco Central, a atividade deve ter alta de 1,6%. O governo espera um pouco mais, 2,2%.

Com base em indicadores iniciais, o presidente do BC, Roberto Campos Neto, disse acreditar que este primeiro semestre tende a "surpreender para cima".

A esperada perda de ritmo em relação ao ano passado viria da combinação dos efeitos ainda contracionistas dos juros altos para domar a inflação, de menor expansão de programas sociais e do consumo das famílias e, por fim, de uma piora do resultado da agropecuária.

Ainda assim, há sinais de vigor que não deixam de ser notáveis. Mesmo diante do arrocho monetário e da escassez de crédito que se prolonga, o mercado de trabalho permanece aquecido, com desemprego não muito distante das menores taxas históricas e expressivo crescimento real da renda.

Parte desse ganho decorreu da queda de preços de alimentos, que beneficia especialmente os estratos de menores rendimentos e salários em alta dão esteio à continuidade do aumento do consumo.

Um risco é que isso também amplie pressões inflacionárias, especialmente sobre serviços, limitando o espaço para cortes de juros.

Até agora, porém, o baixo desemprego tem se mostrado compatível com inflação sob controle, talvez uma evidência de melhor funcionamento do mercado de trabalho depois da reforma de 2017.

O conjunto de reformas econômicas dos últimos anos, aliás, pode ajudar a explicar parte do bom desempenho atual. Ampliação da carteira de concessões e projetos em infraestrutura, governança mais austera em bancos e empresas estatais, certa redução de amarras burocráticas e melhoria no ambiente de negócios são alguns dos elementos positivos.

E cede para contar com dinamismo duradouro. Surpresas favoráveis também são observadas em outros países, o que sugere elementos comuns e temporários que restaram do choque da pandemia.

Em qualquer hipótese, cabe à política econômica remover, sem voluntarismos, os obstáculos à expansão do PIB, trabalhando por contas fiscais equilibradas, inflação sob controle e juros calibrados.

Bravata perigosa

Trump choca ao não se comprometer com defesa de aliados da Otan e sugerir que Putin vá ao ataque

Apesar de seus turbulentos anos à frente da Casa Branca, Donald Trump mostrou-se um aliado inconfundível e dado a bravatas na sua relação transatlântica, o esteio da segurança do Ocidente.

São memoráveis as expressões de pânico de líderes como o alemão Angela Merkel em cúpulas e diagnóstico, do ainda hoje presidente francês Emmanuel Macron, de que a Otan estava em "morte cerebral".

Pois o chefe militar liderado por Washington desde 1949, retirado da UTI citada por Macron pela Guerra da Ucrânia, voltou ao alvo de Trump, ora favorito a retomar o assento que está com Joe Biden. No sábado (10), o republicano contou que havia sido questionado certa vez se os EUA cumpriram a cláusula de defesa mútua em caso de ataque dos russos.

"Eu disse: 'Vocês não pagaram?' Vocês estão inadimplentes?" Ele disse: "Sim, digamos que isso aconteceu. Não, eu não os protegeria. Na verdade, eu os encorajaria [os russos] a fazer o que diabos quiserem. Vocês têm de pagar".

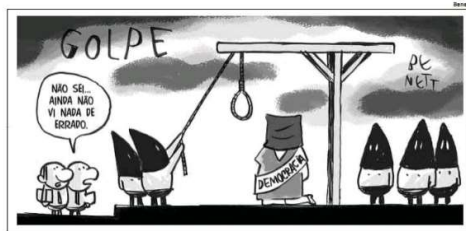
Com a diatribe, Trump conseguiu ao mesmo tempo chocar os aliados

ocidentais, que fizeram predições sombrias caso o republicano volte ao poder, e avisar uma ferida. Embora os termos sejam imprecisos, já que não há uma mensalidade a ser paga para estar na Otan e a aliança depende mais dos orçamentos nacionais de defesa, é fato que apenas 11 dos seus 31 membros cumprem a meta de gastar ao menos 2% de seu PIB com o setor.

Já foi pior. Em 2014, ano em que Moscou anexou a Crimeia e ergueu as fundações de sua guerra de 2022, eram só três países. Isso mudou. O ano passado registrou a maior alta de investimentos da Otan desde a Guerra Fria, 8,3%.

Países ganharam ao militarismo, como a Polónia, que empenhou 4% do PIB. Mesmo a lenta Alemanha, alvo preferencial de Trump por ser a nação mais rica da Europa, promete ir dos 1,5% atuais a 2% neste ano.

Mas ainda é incomparável o dispêndio dos EUA, com 75% do gasto e do efetivo da aliança, e o de seus parceiros. Assim, ao falar em não cumprir sua obrigação em caso de ataque de Vladimir Putin, Trump dá um sinal perigoso não só à Europa, mas à segurança mundial.



Virtuosismo militar

Hélio Schwartzman

Vocês não vão me cumprir?

Hoje eu não roubei nenhum banco nem estapei ninguém. Ridículo, certo? Deixar de cometer crimes não é virtude, mas obrigação. Não me convencer, portanto, as loas à cúpula das Forças Armadas, que teria se recusado a participar do golpe tramado por Bolsonaro e seus aliados.

Como ainda estamos numa democracia, não é absurdo afirmar que as instituições funcionaram. Mas foi por muito pouco. Se mais dois ou três generais com comando de tropas tivessem embarcado na aventura, poderíamos estar agora sob lei marcial. O Parlamento, que deveria constituir a linha de frente da resistência ao autoritarismo, também foi interessadamente omisso.

Lula subestima Lira

Dora Kramer

"Não subestimei esta Mesa Diretora", foi o aviso contundente que o presidente da Câmara deu ao governo na reabertura dos trabalhos da Casa, em 9/2.

O restante do discurso listou fatos já conhecidos sobre as inatitudes do Parlamento: pagamento de emendas, acordos desleais, nomeações emperreadas e vetos não digeridos. Resíduo desafiado e repetido: quatro dias depois em conversa, em tom mais institucional e menos agressivo, entre Lula, Inácio da Silva (PT) e Arthur Lira (PL) no Palácio da Alvorada. Dado o deputado saiu dizendo que a hostilidade havia sido contornada.

Situação "zerada" segundo ele. Na verdade, um zero a zero mais ou menos, pois a duradoura dependência de o Planalto cumprir acordos firmados e não insistir em anular decisões do Legislativo. Portanto, não houve um cessar-fogo definitivo. Foi, antes, uma trégua.

Lula segue desconfiado, e Lira continua com o pé atrás diante das versões disseminadas por personagens palacianos de que neste último ano

Enquanto usufruíam das delícias das emendas parlamentares, deputados e senadores deixaram que Bolsonaro pintasse e bondasse. Devemos ao STF e à sociedade civil, que soube se mobilizar, ainda que na undécima hora, a preservação da democracia. Um país não pode ficar refém de seus generais. É preciso profissionalizar e modernizar as Forças Armadas, para que se afastem definitivamente da política. Penso em mudanças nos currículos das academias, num redimensionamento do próprio tamanho das Forças e na reformulação do artigo 142 da Constituição, para deixar claro que militares não escolhem a qual Póder devem obedecer.

Não sou, porém, muito otimista. Até por causa das investigações, os generais deverão ficar retratados pelos próximos anos. Não criarei problemas maiores para o governo Lula. Com isso, Lula não deverá gastar energia e capital político nas reformas necessárias. É sempre mais fácil apaziguar do que aprimorar as instituições.

heloio@uol.com.br

O abadá de Deus

Juliano Spyer

Antropólogo, autor de "Fera de Deus" e autor do Observatório Evangélico e do site de comentários bíblicos

Enquanto alguns brasileiros carem na fé, evangélicos se isolam em acampamentos religiosos. Mas, para os frequentadores, é um segredo guardado à luz do dia que estes retiros têm um quê de carnaval.

A paquera é um dos objetivos últimos dos retiros para jovens, confidencia Paloma Jaqueta, que é evangélica e antropóloga. "Para ser bem sincera, não consigo pensar em outro motivo para eles acontecerem". Isso porque famílias evangélicas desejam que seus filhos e filhas encontrem pretendentes entre pessoas da mesma religião, da mesma tradição cristã e — se tudo der certo — da mesma igreja.

Os puls do teólogo e historiador André Reinke se conheceram em um retiro e ele também conheceu sua futura esposa nessa situação. "O propósito principal desses encontros não é namorar, mas, no final das contas, todo mundo sabe que é o melhor lugar para se encontrar alguém", relata.

Para o pastor assembleiano Willian Gomes, aproximadamente 10% dos jovens dos retiros, sua igreja, em Brasília, está reunindo cerca de 3 mil jovens durante o Carnaval. "A gente até anuncia no microfone: 'Queremos apresentar aqui este jovem, ele está solteiro!'"

"Daí vem aquela conexão, uma risada geral". Talvez você esteja imaginando jovens sendo forçados a ir a retiros, o que está longe de ser verdade. "Eles fazem de tudo para participar", relata o pastor Guilherme Damasceno, que cresceu participando dessas atividades. "Durante meses eles vendem panes, feijoadas, lanches para 'untar dinheiro'".

É que, para muitos, esses eventos são oportunidades para se viajar e viver experiências novas. "Tem piscina, jantares temáticos... Me lembro de quatro jovens que viraram o mar pela primeira vez".

Evangelical pentecostal e professora universitária, Andrea Alchandre já foi a acampamentos para jovens e, hoje, é palestrante. "A intenção desses encontros é mostrar que Deus não é uma lista de 'não pode'. Que é possível brincar, se divertir, estar feliz sem droga nem bebida".

Não é absurdo comparar esses eventos religiosos com o Carnaval brincado usando abadás. Esse item permite se foliar (que pode pagar por ele), a oportunidade de participar do carnaval de rua de Salvador em ambientes cercados e controlados. Em círculos evangélicos, ouvi algumas pessoas descreverem retiros e acampamentos usando termos parecidos: "é uma noite high", "proteção".

Insistimos em estereotipar evangélicos como ultracomprometidos. Mas, no Carnaval, cada um faz o que quer: uns fogem para a praia, outros assistem às risas, para manter o equilíbrio. E há os que brincam sem se sentirem cobrados pelo sistema eleitoral, sem mostrar tanto o corpo.